

Moustapha Safouan Agradeço a Jean-Richard Freymann ter-me dado a honra de concluir estas jornadas, ainda mais porque faz quase trinta anos que saí de Strasbourg, por isso agrada-me dizer-lhes o ponto em que estou sobre as questões que lhes interessam, e que constituem o objeto destas jornadas.

Três vias se propõem a quem queira tornar-se analista. A necessidade delas foi reconhecida desde o primeiro dia, a saber, a psicanálise didática, a supervisão e o ensino teórico.

A análise didática é uma condição necessária, pois um sujeito não poderia escutar o desejo recalcado de um outro sujeito, e muito menos os modos graças aos quais esse desejo se significa, se ele próprio não passasse pela experiência da análise. O objetivo da análise didática seria, segundo esta visão, permitir ao futuro analista tomar conhecimento de seus fantasmas inconscientes e, fazendo isso, persuadir-se da realidade do inconsciente.

Com Lacan, as coisas se complicam um pouco. A divisão inconsciente/consciente é considerada como uma divisão do sujeito, divisão entre o processo da enunciação e o processo do enunciado, isto é, entre o ponto de onde parte a fala e que constantemente aí se oculta, e aquilo que se articula nessa mesma fala como enunciado. De imediato introduz-se uma cascata de outras divisões: entre significante e significado, entre significação média e efeito de sentido, entre desejo e demanda, entre a verdade que só é verdade por sua ocultação do saber e o saber que só é saber por aquilo que rejeita como verdade. Tudo isso enquanto o próprio sujeito torna-se aquilo que um significante, digamos o significante intencional familiar, representa para um outro significante, aquele incongruente familiar. Refiro-me a um chiste que, suponho, todos conhecem.

O sujeito é, nesse caso, um efeito da relação significante. Onde encontrá-lo como sujeito que fala e não como semelhante, como alter ego, senão nesse intervalo entre o significante 1 – familiar no meu exemplo – e o significante 2? Mas então, a distinção entre o inconsciente e o consciente não é mais uma distinção tópica entre dois lugares diferentes situados no espaço, dois compartimentos, por exemplo. Ela é muito mais comparável à distinção entre o direito e o avesso à medida em que se encontram em continuidade um com o outro sobre certas superfícies de face única.

A partir disso, a razão da análise didática muda. Não se trata mais de ganhar um conhecimento do inconsciente e de seus processos ditos primários, conhecimento utilizável na abordagem de outros casos; trata-se muito mais de se desembaraçar de todo o campo do saber e muito especialmente do saber psicanalítico que funcionará fatalmente como um objeto feito para fechar os ouvidos contra as surpresas de uma verdade sempre nova. Em outros termos, não se trata mais simplesmente, segundo este ponto de vista lacaniano, de se persuadir da realidade do inconsciente, mas de assumir a divisão subjetiva em toda sua amplitude.

Essa assunção, vê-se, equivale a uma ruptura: ruptura com o sujeito suposto saber. Resulta disso que longe de consistir em uma identificação com o analista, o fim da análise consistiria antes numa apercepção do objeto ignorado cuja atribuição em contrabando ao analista, colocado no lugar do sujeito suposto saber, constitui todo o prestígio deste último. No caso de Alcebiades, homem tido como responsável pelo escândalo de Hermes mutilado, esse objeto era o pênis de Sócrates. Donde a questão: um sujeito que tenha seguido até seu termo uma experiência que desmonta as bases identificatórias de sua existência, deixando-o entrever que a apreensão do ser é uma apreensão de des-ser que o faz viver – não sem depressão – a distância incomensurável entre o ideal e o objeto fantasístico através do qual ele se sustenta, o que incitaria então um tal sujeito a retomar essa experiência com outros?

Notemos que esta questão não desmente em nada os benefícios terapêuticos eventuais da análise, nem a satisfação profunda que o reconhecimento do desejo inconsciente traz. De fato, pode-se mesmo dizer que a técnica de Lacan clínico repousa fundamentalmente sobre aquilo que se pode chamar de cálculo justo do desejo inconsciente. E é a isso, aliás, que se pode atribuir o sentimento de reconhecimento que um bom número de seus analisantes têm por ele: sentimento que seria miopia colocar pura e simplesmente por conta do amor de transferência mal resolvido. Trata-se, portanto, uma vez mais, de uma questão que diz respeito à psicanálise didática como tal, isto é, aquela que Lacan qualificou de análise “pura” no sentido de uma análise que excede as motivações terapêuticas ou que não se reduz a isso e da qual pode-se esperar então que vá até o termo lógico da análise, além daquilo que aí se realizaria “por acréscimo” como cura. A questão pode então ser reformulada nestes termos: que é que se passa no momento em que essa análise caminha para seu fim e que faz com que um desejo novo surja, o desejo de analista? Não o desejo de ser analista, nem mesmo aquele de fazer análises, muito menos o desejo pessoal de se tornar analista, mas o desejo como função que lhe permite deixar a análise chegar a termo sem a interferência de seus desejos pessoais, ou de “agir como um espelho” segundo o jargão utilizado outrora e que irritava Lacan, não porque fosse falso, mas porque não significa nada sem uma explicação mais ampla. Era assim que se repetia, por exemplo, que “o importante não é o que o analista diz ou faz, mas aquilo que ele é” dispensando-se completamente de dizer sobre esse ser do analista mais do que duas palavras... Foi justamente a fim de obter a resposta à questão assim formulada que Lacan promoveu a experiência do “passe”.

Agora vocês sabem que Lacan reconheceu o fracasso dessa experiência, e o fez não sem imputar por vezes – total ou parcialmente – ao estado de despreparo ou de não-preparo em que se encontravam os membros do juri de acolhimento. Resta, no entanto, que esse argumento não esgota certamente todas as razões desse fracasso.

O fato é que praticamente nunca se viu um candidato ou uma candidata que se apresentasse ao passe recém-analisado, logo após o fim de sua análise. A quase totalidade dos passantes, cuja grande maioria era formada por analisantes de Lacan, era constituída por candidatos que estavam ainda com a análise em curso, e por vezes longe do fim. Constatação que conduziu Gisèle Chaboudez, , se bem entendi seu artigo publicado no último número da revista *Essaim*, o número 11, a se perguntar se a candidatura ao passe não era uma função da resistência ao fim da análise! Essa mesma constatação tinha conduzido o juri de acolhimento a lembrar que a candidatura ao passe tinha que ser feita com o acordo do outro parceiro do jogo, a saber, o analista. Mas, a inoportunidade dessa lembrança era evidente, pois a resistência se situa para nós em função da proximidade da verdade e, vindo do analista desaconselhar ou proibir esse caminho ao candidato, arriscar-se-ia bloquear uma análise que poderia talvez retomar sua marcha ulteriormente.

Essa constatação de que a maior parte dos candidatos não havia terminado ainda sua análise, ou estava no meio dela, não tira completamente a legitimidade de uma eventual retomada do passe pois essa experiência mantém sempre sua função primeira de levantar o mistério que de outro modo envolve as análises didáticas e o tornar-se analista. Mas então, será preciso considerá-la como uma experiência que nos ensinará sobre as passagens efetivas ao exercício da análise e que nos permitirá apreciar em que medida essas passagens vão ao sentido do fim da análise, ou do passe considerado como um critério e não como um ideal. E na eventualidade de uma tal retomada, é ainda preciso levar em conta um outro fator que contribuiu muito para o fracasso do passe, a saber, a psicologia de grupos que fez com que a

aceitação de uma candidatura recebesse o sentido de uma promoção numa organização hierárquica. Donde se pode imaginar a significação dramática que recebia, no caso, uma resposta negativa ou simplesmente reservada... Todas as outras invenções de Lacan com vistas a encontrar um outro modo de organização fracassaram nesta rocha.

Os efeitos da psicologia de grupos foram ainda mais devastadores no que se refere ao ensino e à transmissão da psicanálise. Não saberíamos descrever melhor a atmosfera que reinava no seio de EFP – Ecole Freudienne de Paris – durante os primeiros anos de sua existência, do que o fez François Roustang em seu livro *Um Destino Tão Funesto*. Esse livro era um grito de alarme! Infelizmente ninguém prestou atenção a ele. Salvo talvez o próprio Lacan que convidou o autor a se explicar diante dos membros da Ecole reunidos para o voto da dissolução. Ao longo do último congresso da Ecole em Strasbourg, Lacan já tinha até chegado a falar de sua angústia. “A falta lhe faltava”, disse. De fato, em vez de servir como uma referência em face da qual se assume uma responsabilidade crítica, ser lacaniano havia se tornado um traço identificatório que permitia aos membros do grupo reconhecer-se ou medir-se entre si a golpes de “Lacan disse”. A conclusão de Lacan não demorou. Ele a enunciou na reunião durante a qual foi votada a dissolução: “A psicanálise não se transmite... ela se inventa”. Esta conclusão tem com o que nos deter.

O fato era que Lacan tinha a paixão da transmissão e essa paixão estava indissolúvelmente ligada nele à preocupação constante com a questão da cientificidade da psicanálise, preocupação que constitui o fator que identifica e que atravessa todo seu ensino do começo ao fim. E era essa preocupação que o levava a inventar sem parar matemáticas, gráficos, esquemas ópticos ou outros, a apelar para a topologia e finalmente para a teoria dos nós. Sem pretender abordar essa questão em toda sua extensão, notemos que a palavra que volta constantemente ao longo dessas invenções, para designar aquilo que elas tornam visível, é a palavra “estrutura”. Ora, se essa palavra quer dizer uma relação constante entre elementos variáveis, abstraindo-se o sentido deles, então a estrutura encontrará, sem dúvida, na matemática o campo por excelência de sua aplicação, mas não se dá o mesmo com a psicanálise.

Tomemos o esquema mais simples que há: esse esquema é conhecido como o esquema L, no qual duas linhas se cruzam, as do simbólico e do imaginário. Isso seria simplesmente uma figura destinada a fixar nossas idéias tendo em vista a fraqueza de nosso espírito, como diz Lacan no momento no qual o apresenta? Ou bem seria a representação da estrutura ou, ainda, a própria estrutura? Para responder a esta questão observemos que nossa experiência é eminentemente de escuta. Só o gênio de um Freud, de um Lacan – mas podemos também citar outros, tais como Bion, Winnicott, Matteo Blanco, Imre Nagy e assim por diante – esse gênio pode dar crédito ao dito, permitindo o posicionamento, no interior do audível, de uma relação ou de uma estrutura constante tal qual a do cruzamento da linha do discurso pela da resistência descoberta por Freud. Ora, quem diz estrutura fala de alguma coisa que toma a forma visível e que só se realiza sob essa forma, seja ela de uma escritura ou de um diagrama. Podemos então dizer que o esquema L coloca sob nossos olhos a própria estrutura de nossa experiência, segundo a opinião ulterior de Lacan. Ela não representa sua estrutura, ela é essa estrutura. Teríamos portanto atingido o nível de uma ciência formalizada como, sem dúvida, era a ambição de Lacan? Somos forçados a responder que não.

Pois, os esquemas estruturais da teoria psicanalítica dizem respeito não apenas às relações entre os conceitos, cuja impressão exige uma elaboração discursiva que os distancia de todas as significações, assim como do “pensamento concreto” depositado na linguagem, a ponto de ser necessário, por vezes, a criação de neologismos (no que Lacan era pródigo), como é o

caso nas ciências em geral. Mais ainda, esses conceitos são tão ricos em significação, a ponto de não ser o sentido de um termo como desejo, Outro, ou gozo que determina o sentido do contexto. Ao contrário, é o contexto que permite desvelar o sentido do termo. Deste ponto de vista, permanecemos em face de um texto analítico no mesmo nível de inteligibilidade que ao nível da fala. Num caso como no outro, a apreensão do sentido permanece um caso de interpretação. Se a psicanálise é uma ciência, ela é uma ciência textual que requer, que exige, todos os métodos da exegese. E não é a designação do conceito por uma letra, d, grande A ou pequeno a, que nos fará ter acesso à univocidade que seu uso formalizado condiciona.

O mais surpreendente é que esse limite não impede a transmissão. Ela é, primeiramente, transmissão de significantes. Foi assim que retomamos de Freud o termo inconsciente, quando ele próprio não tinha condições de explicá-lo de outro modo a não ser com o auxílio de um esquema topográfico mal delineado. A inquietação que outrora causava aos analistas as primeiras tentativas de Lacan com vistas a definir o último termo de sua trindade, parece atualmente dar lugar à concepção, amplamente partilhada, do real como a impossibilidade que se desnuda no próprio interior da simbolização, ao passo que a realidade se torna não o lugar onde se encontra o real, mas onde ele não se encontra.

Quanto à invenção, longe de ser necessário colocá-la em oposição à transmissão, seria mais justo dizer que ela só é possível graças a uma transmissão dessa índole.

Para concluir, eu diria que a via de formação que permanece mais ao abrigo dos efeitos da psicologia de grupos é a da supervisão; é necessário ainda que o supervisor não se tome por um professor. A supervisão é uma oportunidade oferecida ao analista em formação de ver se o hábito com o qual ele se vestiu lhe serve ou não, e se sim, de ver o que ele faz ao fazer análise. Pois, se há uma lição que se depreende de toda a história do movimento psicanalítico, tanto segundo Freud quanto segundo Jacques Lacan, é exatamente esta: o princípio segundo o qual o analista se autoriza por si mesmo, é um princípio sobre o qual não poderia haver retorno. Entre uma instituição que fracassa por não saber se preservar de satisfações narcíseas que tiram proveito da organização hierárquica, e uma instituição que faz da hierarquia o próprio princípio de sua organização, eu prefiro a primeira. Eis o ponto onde me encontro nisso.

### DISCUSSÃO

J-R. Freymann: Moustapha Safouan está completamente pronto para tentar responder suas questões.

Sala: Por que é necessário passar pelo passe?

M. Safouan: Não falo dos companheiros...Mas, ninguém jamais disse que é preciso passar pelo passe. Ninguém nunca disse isso!

Sala: Cada grupo, cada escola...

M. Safouan: Essa é uma questão que se destina talvez ao Sr. Freymann. Eu falo da experiência tal como a conheci. Não testemunho... Eu me explico a respeito da experiência que ocorreu. Mas, segundo a experiência que ocorreu, a idéia do passe surgiu como um momento dado por razões dentre as quais a primeira era institucional. Tratava-se de levantar o mistério em torno da questão didática, questão que nas instituições da I.P.A. era verdadeiramente envolta num véu, o que dava lugar a uma tramóia de jogo de poder. Ora, tudo isso era completamente ocultado, ninguém sabia o que era uma didática. A experiência foi então proposta por razões, primeiramente, de ordem institucional. Mas foi proposta para quem quisesse. Jamais fizemos disso uma obrigação.

Sala: Por que cada grupo analítico retoma isso de modo diferente?

M. Safouan: Pergunte isso aos grupos. As razões primeiras de sua validade permanecem. A primeira vez ela teve uma razão de ser. E você pergunta por quê, apesar de seu fracasso, ela é retomada pelos grupos ou instituições atuais? E por que esse fracasso não foi confirmado como definitivo ou equivalente a uma condenação dessa experiência? Talvez porque cada grupo tenha, se posso dizer, razões de esperar... Esperar alguma coisa que ajude a modificar, remediar um pouco as causas desse fracasso, como a psicologia de grupo, encontrando os modos de vincular-se sem que isso invada a instituição... É isso aí! Cada grupo pode ter razões para desejar uma tal retomada, mas são razões a partir de uma certa reflexão, errada ou justa.... Partem de uma certa reflexão. Não é uma operação louca.

J.-R. Freymann: O problema se coloca sempre... O problema da passagem... Essa é uma questão que, a seu modo, já estava em Freud. O que faz alguém querer tornar-se analista, por exemplo? O que não é uma questão de pouca monta... Para situarmo-nos dentro disso tentamos fornecer alguns meios. Tentamos...

Outras questões?

Sala: Na Terceira, Lacan nunca diz que transmite o ensino da psicanálise, mas diz bem que transmite “meu ensino”. O ensino da psicanálise não seria um logro?

M. Safouan: Só ontem recebi esse texto da Terceira. Um amigo, Patrick Valas, enviou-me, e por isso não encontro os termos exatos de Lacan, mas de minha parte, se pegamos a idéia de que a psicanálise é uma ciência textual, o mais importante para um ensino que se pretende analítico é que seja um ensino crítico. Um ensino que formula o problema de tal ou qual questão de modo claro e que não economiza nenhuma resposta de uma certa crítica. É apenas depois disso que algo de novo pode aparecer. Essa é a condição de um ensino analítico. Não é mais que isso... O que me incomoda é que não percebo o que você disse do que Lacan falou: ele disse que não transmite a psicanálise? Isso parece evidente! Nenhum ensino pode pretender transmitir o ato analítico.

Sala: ele falava de seu ensino... Não do ensino da psicanálise...

M. Safouan: Essa é uma das múltiplas falas feitas justamente para provocar a crítica. Isto é: reflitam um pouco! Utilizem um pouco suas faculdades críticas em vez de repetir! Isso foi depois do congresso de Roma! Imediatamente após, no congresso de Strasbourg em 1975-76 ele disse: “A angústia me angustia”... E isso por causa das críticas. Então, se ele disse: “Não ensino a psicanálise, dou meu ensino da psicanálise”, foi visando provocar a crítica. Por igualar de algum modo seu ensino com um outro.

Marie Pesenti: Eu gostaria justamente de colocar a questão da diferença entre Freud e Lacan. O senhor retoma a dimensão metafórica que se encontra nos conceitos lacanianos, dimensão que facilita, pode-se dizer, o trabalho de todos, o trabalho de interpretação que chamo “colocar suas próprias marcas significantes”. O que poderia então explicar o fato de que Freud e Lacan não produziram justamente o mesmo tipo de significante. Freud, como o senhor diz no texto Lacaniano sendo efetivamente alguém que produziu significantes que não implicam da mesma maneira um tal trabalho de metaforização como Lacan faz?

M. Safouan: A psicanálise, Freud diz isso em Minha Vida e a Psicanálise, é primeiramente a descoberta do recalque. Com a descoberta do recalque, a análise consistiu em desfazer os recalques. Com esse trabalho que se chama desfazer os recalques, o mundo todo se abriu pela primeira vez ao conhecimento de um modo mais rico do que nunca, era o conhecimento das fantasias. A partir disso, a tônica recaiu sobre a significação. É verdade que através do significante, quem quiser dizer “se oferecer” diz “sofrer”, quem quiser dizer “familiar” diz

“milionário”, quem quiser dizer “beijar” diz “embaraçar”... Análise é isso, e é assim que se desaloja o recalçado. Mas daí, a tônica rapidamente recaiu sobre a significação como uma significação realizada num compartimento e não em outro. É o esquema topográfico. E o que foi pior – não sei porque eu disse pior – o que foi uma consciência natural, foi termos concebido a psicanálise como comunicação de um saber sobre essa significação escondida no outro compartimento. Não passamos da porta. Isso tudo era o tipo de coisas que se impunham. É apenas a própria experiência. Então, sua questão não leva em conta que a experiência pode mostrar o fracasso de um certo esquema. O que alguns viram foi que, dizer a alguém sua fantasia, não dá em nada. Foi a partir disso que Lacan colocou a tônica não sobre a significação, mas sobre a relação do sujeito e do significante. Esse foi o giro que Lacan deu à teoria psicanalítica e, conseqüentemente, à própria prática.

J.-R. Freymann: Uma última questão?

M. Safouan: Eu pago quanto?

J.-R. Freymann: Pela questão?

M. Safouan: Sim! Eles estão tão cansados que para haver uma questão, é preciso colocar-lhe preço...

Sala: No nível das supervisões, o supervisor é geralmente tomado num grupo de analistas, podendo sofrer os efeitos disso.

M. Safouan: Você disse que o supervisor trabalha numa instituição, portanto ele mesmo é pego num efeito de grupo. Nesse caso, você diz uma verdade! Foi por isso que eu disse: à condição de que não funcione como um professor...

Sala: Mas, mesmo que ele não funcione como professor, ele é pego por um efeito de grupo. Finalmente, mesmo com o supervisor o analista está numa posição de solidão.

M. Safouan: Não há solidão nisso. Se ele é pego pelos efeitos de grupo, quer dizer que não há solidão... Para terminar, quero contar-lhes uma lembrança que diz respeito à supervisão. Eu a evoco simplesmente porque isso lhes permite ver um certo estilo que penetra: que ensina, que ensina no sentido que se diz que instrui, e isso inclusive teoricamente. Era um momento de supervisão com Lacan que remonta, vejam bem, não mais que 1951-52. Eu analisava, naquele momento, um homem muito jovem, um simples funileiro, que durante uma sessão teve a fantasia de que alguém que lhe fazia, e lhe pedia para fazer, uma felação. Como esse alguém era apresentado sem nenhuma identidade – era alguém – a hipótese que me veio ao espírito muito simplesmente, era que uma censura se exercera. E por que teria ela se exercido se não por ser aquele a quem a fantasia era contada, ou seja, o analista, o verdadeiro interessado? Era o período no qual as obras de Wallon eram arquiconhecidas, assim como as de Charles Bourget... Nada era mais comum nas relações humanas do que a idéia de transitivismo. A criança e seu semelhante: a menina que dá um cutucão e o vive como se o cutucão não tivesse sido dado mas recebido, exatamente como num espelho... Tudo isso era conhecido. Na época, era da ordem do conhecimento banal. Eu sabia disso... Mas, tudo isso não implicava necessariamente que eu soubesse o que quer que fosse sobre o caráter profundamente libidinal da relação com a imagem.

Quando contei esse episódio de uma análise para Lacan, e o pus a par da hipótese que eu tinha na cabeça, ele me disse: “Mas, enfim você não é o único nesse quarto, nesse recinto!” Vendo meu espanto, ele me disse: “há ele também”. Foi a partir desse momento que apreendi todo o impacto evocado nas relações com o semelhante. É por isso que durante uma supervisão, pode haver oportunidade de aprender também alguma coisa. Mas, vocês vêem aí a completa diferença entre uma pontuação como essa e dar uma aula...

J.-R. Freymann: eu gostaria de agradecer Moustapha Safouan.

Tradução: Regina Steffen. Revisão: Durval Checchinato Campinas, março/2005.

No original “queue”, literalmente “cauda”, é também um termo obsceno para designar “pênis”. (N. de T.). Gisèle Chaboudez, “Passe, fin d’analyse et Lettre volée”. in *Essaim*, nº 11, Erès, 2003.

François Roustang, *Un destin si funeste*, Collection Critique, Les Editions de Minuit, 1976.

Moustapha Safouan, *Lacaniana. Les séminaires de Jacques Lacan 1953-1963*. Fayard, 2001.

Em francês “s’offrir” e “souffrir” são praticamente homófonas, o que cria uma incerteza quanto ao verdadeiro sentido pretendido pelo sujeito, que acaba dizendo mais do que gostaria. (N. de T.).

Em francês “embrasser” e “embarrasser”. Vide nota anterior. (N. de T.).